



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE**

EMANUELLE ANDREA CORREA DE AGUIAR

**O USO DAS MEDICINAS TRADICIONAIS ENTRE COMUNITÁRIOS DO BAIRRO
MAPIRI, SANTARÉM/PA: um relato de experiência.**

**SANTARÉM – PARÁ
2023**

EMANUELLE ANDREA CORREA DE AGUIAR

**O USO DAS MEDICINAS TRADICIONAIS ENTRE COMUNITÁRIOS DO BAIRRO
MAPIRI, SANTARÉM/PA: um relato de experiência.**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Instituto de Saúde Coletiva, curso de
Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade
Federal do Oeste do Pará, como requisito avaliativo à
disciplina de TCC1.

Orientador: Prof. Dr. Teógenes Luiz Silva da Costa

**SANTARÉM
2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

A283u Aguiar, Emanuelle Andrea Correa de
O uso das medicinas tradicionais entre comunitários do Bairro do Mapiri, Santarém/Pa: um relato de experiência / Emanuelle Andrea Correa de Aguiar – Santarém, 2023.
22 p. : il.
Inclui bibliografias.

Orientador: Teógenes Luiz Silva da Costa
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Saúde Coletiva, Bacharelado Interdisciplinar em Saúde.

1. Medicinas tradicionais. 2. Mapiri. 3. Agente comunitário. I. Costa, Teógenes Luiz Silva da, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 615.85098115

Bibliotecária - Documentalista: Mary Caroline Santos Ribeiro – CRB/2 566



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
COORDENAÇÃO ACADÊMICA

Fone (093) 2101-4933 / Email: coordenacaoacademica.isco@ufopa.edu.br

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 11/02/2023, às 10:30 horas, foi convocada e formada a banca examinadora composta de três professores e/ou autoridades nesta Universidade, abaixo nominados, para o exame do trabalho escrito, apresentação oral do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, elaborado pelo acadêmico EMANUELLE ANDREA CORREA DE AGUIAR, cujo título é “O USO DAS MEDICINAS TRADICIONAIS NO BAIRRO DO MAPIRI: RELATO DE EXPERIÊNCIA.”. Foi concedido o tempo máximo de 20 minutos para o acadêmico fazer a exposição oral do trabalho, atribuindo-se outros 30 minutos para arguições. Após a apresentação foram feitas as arguições ao acadêmico, visando a avaliação e crédito na disciplina. Concluídas as arguições, a banca passou à deliberação sobre a avaliação, considerando os seguintes critérios: Qualidade Técnica do Trabalho; Domínio do Conteúdo; Qualidade na Exposição Oral; Clareza e Coerência dos Objetivos da Pesquisa, Problemática, Métodos e Formas de Intervenção; e Referencial Teórico, Resultados e Bibliografia. Após a deliberação, concluída à presente banca de exame de TCC, trabalho foi considerado:

Aprovado (nota \geq 6,0).

Reprovado (nota $<$ 6,0).

Professor (a)	Função	Nota (0 a 10)
Cristiano Gonçalves M.	Membro	8,0
João D. Batista	Membro	9,7
	Média	8,85

A entrega da versão final do TCC, com as devidas alterações apontadas pela Banca Examinadora, deverá ocorrer no prazo de 15 (quinze) dias após defesa.

Assinaturas dos membros da banca

Presidente - Teógenes José de Sousa
Membro - Cristiano Gonçalves Moraes
Membro - Paulo Sérgio

Santarém, 11 de fevereiro de 2023

EMANUELLE ANDREA CORREA DE AGUIAR

O USO DAS MEDICINAS TRADICIONAIS ENTRE COMUNITÁRIOS DO BAIRRO

MAPIRI, SANTARÉM/PA: um relato de experiência.

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Instituto de Saúde Coletiva, curso de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito avaliativo à disciplina de TCC1.

Orientador: Prof. Dr. Teógenes Luiz Silva da Costa

Conceito:

Data da aprovação ____/____/____

RESUMO

Este estudo aborda o uso das medicinas tradicionais para o cuidado com a saúde entre os comunitários do bairro Mapiri, no município de Santarém, Estado do Pará, Brasil. Objetivou-se investigar a continuidade do uso das medicinas tradicionais entre os moradores da localidade. Para esse fim, foram entrevistados 98 participantes no período de 2020 a 2022. Os dados obtidos foram armazenados no programa E-SUS Território disponibilizado para os Agentes Comunitários de Saúde. Observou-se que dos 98 entrevistados, 64 fazem uso das medicinas tradicionais, sendo que a predominância ocorre entre as mulheres com faixa etária de 21 a 50 anos. Dentre os vários tipos de medicinas tradicionais disponíveis, são utilizadas pelos comunitários do Mapiri as plantas medicinais, benzedeiras, puxador de dismintidura, fitoterápicos, curador e parteiras. Dessa forma, conclui-se que uso do saber tradicional ainda é muito evidente entre os comunitários entrevistados para o cuidado de si e de sua família.

Palavras – chave: Medicinas Tradicionais. Mapiri. Agente Comunitário.

ABSTRACT

This study addresses the use of traditional medicine for health care among community members in the Mapiri neighborhood, in the municipality of Santarém, State of Pará, Brazil. The objective was to investigate the continuity of the use of traditional medicines among local residents. For this purpose, 98 participants were interviewed in the period from 2020 to 2022. The data obtained were stored in the E-SUS Território program made available to Community Health Agents. It was observed that of the 98 interviewees, 64 use traditional medicines, with a predominance of women aged between 21 and 50 years. Among the various types of traditional medicine available, medicinal plants, healers, disintidura handlers, herbal medicines, healers and midwives are used by the Mapiri community. Thus, it is concluded that the use of traditional knowledge is still very evident among the interviewed community members for the care of themselves and their families.

Keywords: Traditional Medicines. Mapiri. Community Agent.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO	8
3	METODOLOGIA	12
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
	REFERÊNCIAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a medicina tradicional como a soma total das práticas baseadas em teorias, crenças e experiências de diferentes culturas e tempos, muitas vezes inexplicáveis, utilizadas tanto na manutenção da saúde quanto na prevenção, diagnóstico, tratamento e melhora de enfermidades.

No cenário amazônico, a medicina tradicional torna-se uma herança cultural que resiste ao longo do tempo, enfrentando novas concepções de cura. Essa resistência se dá, dentre outros fatores, pela complexidade de acesso aos povos amazônicos, que tem na sua geografia especificidades que propiciam a população local preservar os conhecimentos tradicionais que existem há tempos imemoriais.

O bairro do Mapiri, localizado na zona norte da região metropolitana de Santarém, conta apenas com uma Unidade Básica de Saúde (UBS) Mapiri/ Liberdade para oferecer assistência básica a aproximadamente 7 mil pessoas dos dois bairros. Esse fator torna difícil o acesso dos comunitários à assistência médica básica na referida UBS. Nesse sentido, muitas pessoas optam por fazer uso das medicinas tradicionais nos cuidados com a saúde. Ademais, outro fator que deve ser levado em consideração é a transferência das práticas tradicionais entre gerações e a crença de que tais métodos são eficazes.

Dada a importância do tema, o presente trabalho tem como objetivo geral investigar a continuidade do uso das medicinas tradicionais entre comunitários do bairro Mapiri, e como objetivos específicos verificar quais são os tipos de medicinas tradicionais mais utilizados e qual o público que mais faz uso dessa prática.

O estudo aconteceu por meio de um relato de experiência meu enquanto agente de saúde na UBS Mapiri/Liberdade, no período de 2020 a 2022.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo da história, a medicina acompanha de perto o desenvolvimento humano. Por milênios, as antigas formas de medicina, chamadas atualmente de medicinas tradicionais, foram responsáveis pelo cuidado médico das pessoas. Algumas dessas formas de medicina tradicional sobreviveram aos tempos modernos e à biomedicina (World Health Organization, 2013).

A medicina tradicional refere-se aos conhecimentos, habilidades e práticas baseadas em teorias, crenças e experiências de diferentes culturas, explicáveis ou não, utilizadas no cuidado com a saúde, sendo manifestada em prevenções, diagnósticos ou tratamentos de doenças físicas e mentais, estando ou não integradas ao sistema de saúde predominante (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 1996).

Após a Segunda Guerra Mundial, com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e seu órgão específico de saúde, a Organização Mundial de Saúde (OMS), surgiu um novo e ampliado conceito sobre saúde: um estado de pleno bem-estar biopsicossocial, e não apenas um mero estado de ausência de doença. Dessa forma, o estado de saúde é visto para além do bem-estar físico do indivíduo, contemplando também seu aspecto emocional, mental, espiritual e suas relações com a comunidade e o contexto em que está inserido (Machado et al., 2021).

Segundo a OMS, as práticas da medicina tradicional expandiram-se globalmente na última década do século passado, incentivadas, especialmente, por profissionais que atuam na rede básica de saúde dos países em desenvolvimento. Em 1977, a OMS instituiu um programa de incentivo ao estudo das plantas medicinais, recomendando a difusão mundial dos conhecimentos necessários para o seu uso. Nesse sentido, vários comunicados e resoluções da OMS expressam a posição do organismo a respeito da necessidade de valorizar o potencial da medicina tradicional para a expansão dos serviços de saúde regionais (Amaral et al., 2006).

Atualmente, na versão 2014-2023, a OMS organizou uma estratégia para promoção das Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas (MTCI) e das Práticas Integrativas e Complementares (PIC) no mundo, em que delimita e descreve o que são essas medicinas e práticas, entendendo que sua validação pelo tempo permite sua inclusão nos cuidados à saúde, desde que respeitados os princípios da ética e da medicina científica contemporânea (World Health Organization, 2013).

A medicina complementar se refere a um amplo conjunto de práticas de saúde que não fazem parte da tradição ou da medicina convencional de um determinado país e não estão totalmente integradas ao sistema de saúde vigente (OPAS, 2022). Por outro lado, a medicina integrativa é a prática da medicina que se baseia na visão do indivíduo como um todo, corpo, mente e espírito. Aos recursos terapêuticos que buscam a prevenção de doenças e a recuperação da saúde, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade dá-se o nome de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) (Machado et al., 2021).

No Brasil, as PICS foram institucionalizadas por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), vinculado ao Sistema Único de Saúde (SUS). São elas: Medicina Tradicional Chinesa/Acupuntura, Medicina Antroposófica, Homeopatia, Plantas Medicinais e Fitoterapia, Termalismo Social/Crenoterapia, Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa, Yoga, Apiterapia, Aromaterapia, Bioenergética, Constelação familiar, Cromoterapia, Geoterapia, Hipnoterapia, Imposição de mãos, Ozonioterapia e Terapia de Florais (Ministério da Saúde, 2022).

O PNPIC conseguiu levar uma série de tratamentos e práticas para o SUS, dando acesso a essas práticas para milhares de brasileiros, finalmente popularizando-as em alinhamento às propostas da OMS (Tesser, 2018).

No cenário amazônico, em relação aos conhecimentos das comunidades tradicionais, predominam os saberes herdados das populações indígenas que habitam a região, desde momentos anteriores ao processo de colonização (MORAN, 1990). Esses conhecimentos tidos como empíricos configuram um saber uno que foi passado de mãe para filho, de avô e/ou avó para netos e netas, além de haver aqueles que nasceram com o dom e possuem seus guias espirituais que os conduzem nas práticas da cura.

O município de Santarém localizado na região oeste do estado do Pará, é sede da Região Metropolitana de Santarém, o segundo maior aglomerado urbano do Pará. Em 2019, sua população foi estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 304.589 habitantes, sendo então o 3º município paraense mais populoso, o 8º mais populoso da Região Norte e o 91º mais populoso município do Brasil. Ocupa uma área de 22 887,080 km², sendo que 97 km² estão em perímetro urbano (Prefeitura de Santarém, 2022).

O bairro do Mapiri está localizado na zona norte do município de Santarém. O nome Mapiri é uma referência ao lago que rodeia parte do bairro, chamado de lago do Mapiri (MAIA, 2018). O bairro conta com a Unidade Básica de Saúde (UBS) Mapiri/ Liberdade (Figura 1) que dá assistência básica a aproximadamente 7 mil pessoas dos dois bairros.

Figura - 1 (A e B). Unidade Básica de Saúde Mapiri/ Liberdade.



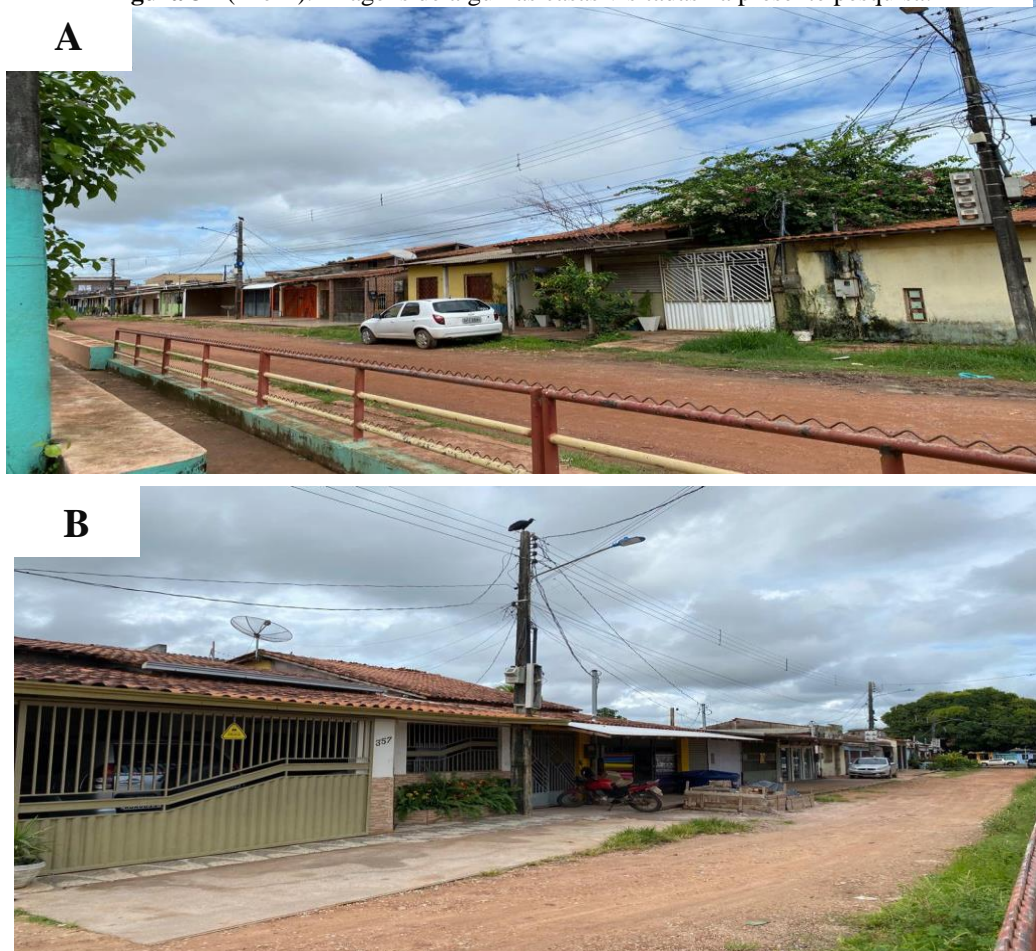
Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Alguns moradores do bairro relatam que, devido à escassa assistência médica, quando não conseguem atendimento na UBS, buscam ajuda daqueles que detém os conhecimentos tradicionais para cuidar das dores e sofrimentos dos enfermos. Exemplo dessas pessoas que detém conhecimento tradicional são o(a) curandeiro(a), benzedor(eira), a parteira, o puxador e o(a) erveiro(a), todos se utilizam de conhecimentostradicionais para cuidar da saúde dos que os procuram.

Diante desse contexto, o presente trabalho propõe um relato de experiência sobre a continuidade do uso das medicinas tradicionais entre comunitários do bairro Mapiri, averiguando quais são os tipos de medicinas tradicionais mais utilizadas e qual o públicoque mais faz uso dessa prática.

Os dados obtidos foram armazenados no programa E-SUS Território disponibilizado para os ACS's. As perguntas selecionadas para fazerem parte desta pesquisa foram relacionadas à idade, sexo, raça/cor e se o indivíduo fazia uso das medicinas alternativas. A Figura 3 mostra a Rua Mapiri, cujos moradores fizeram parte desta pesquisa.

Figura 3 - (A e B). Imagens de algumas casas visitadas na presente pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A vivência dentro da área de atuação foi o que me levou a observar a importância do uso das medicinas tradicionais para auxiliar na manutenção da saúde da população onde eu assisto como agente de saúde. No desempenho das minhas atribuições como ACS tive a oportunidade de participar de um grupo da Pastoral da Saúde. Dentre as atividades realizadas pelo grupo, existiam as visitas as pessoas mais doentes e acamadas da comunidade. Essas visitas ocorriam nas segundas-feiras e eram indicadas pelos ACS's do bairro. Outra atividade desenvolvida no grupo da Pastoral da Saúde era a produção de xaropes utilizando ervas medicinais para curar tosse.

Foi por meio dessas práticas, que se encerraram na pandemia, que eu percebi o quanto a atenção em saúde podia ter outra dimensão e que as terapias em saúde não se faziam somente com os atendimentos da medicina oficial ofertados dentro da unidade de saúde, elas também se contemplavam nas medicinas tradicionais que existiam no âmbito da comunidade. Era no momento do cadastro domiciliar, onde eu inseria as informações no aplicativo do E-sus Território, que eu explicava para a maioria dos entrevistados os tipos de práticas que eles poderiam já ter feito uso sem perceber que faziam parte das medicinas tradicionais. Eu exemplificava com as existentes no bairro, como o puxador de dismuntaduras, a benzedeira e o curador que prescrevia a garrafada e os banhos de plantas para o mau olhado.

A partir dessa percepção observacional que surgiu a ideia de investigar sobre o uso das medicinas tradicionais entre os comunitários do bairro Mapiri.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

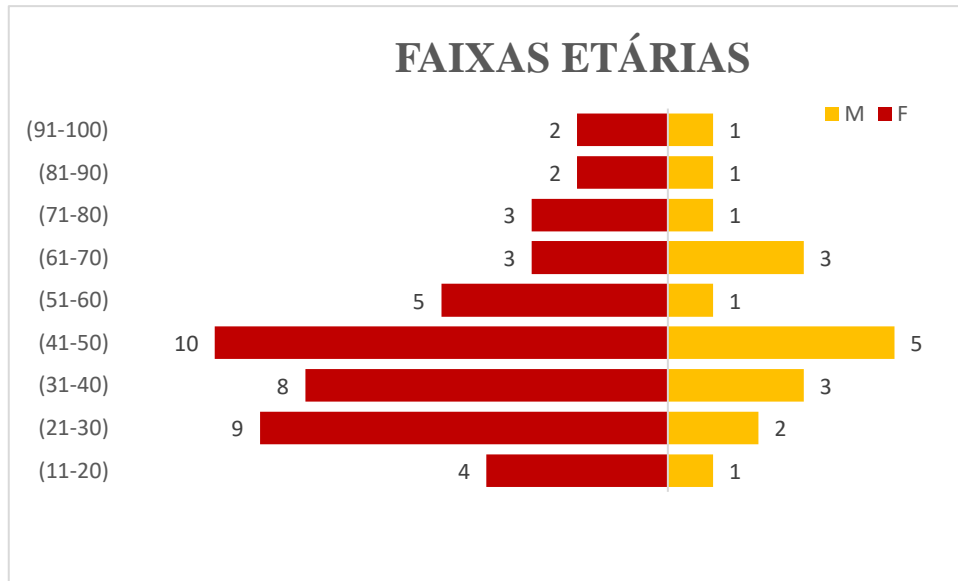
Foram entrevistadas 98 pessoas, sendo que 64 pessoas (65,3%) afirmaram fazer uso de medicinas tradicionais e 34 pessoas (34,9%) afirmaram não fazer uso dessa prática. Segundo os entrevistados, dentre os fatores que contribuem para o uso das medicinas tradicionais está a ineficaz presença da medicina oficial no bairro do Mapiri, visto que só possui uma UBS, tornando difícil o acesso da população à assistência médica e o alto custo dos medicamentos industrializados. Outro fator que deve ser levado em consideração é a transferência do uso das práticas tradicionais entre gerações e a crença de que tais métodos são eficazes.

Ribeiro e Galvão (2022) realizaram um estudo sobre conhecimentos tradicionais como medicina popular de cuidado com a saúde no interior da Amazônia. 100% dos entrevistados afirmaram utilizar a medicina tradicional para cuidar do corpo.

Com o avanço da ciência e o advento das novas tecnologias em medicamentos farmacológicos, a medicina oficial, amplamente favorecida pela adesão de profissionais de saúde e por campanhas publicitárias de laboratório, tem ganhado muitos adeptos, o que justifica 34,9% dos entrevistados afirmarem não fazer nenhum uso de medicinas tradicionais.

Na Figura 4 observa-se que o número de mulheres que utilizam as medicinas tradicionais é expressivo em relação ao número de homens, principalmente entre as idades de 21 até 50 anos. Dentro do seio familiar, as mulheres sempre exerceram o papel de cuidadora, responsáveis pela alimentação, saúde e pelo ensinamento do autocuidado de sua prole. Isso explica a alta adesão das mulheres pelas medicinas tradicionais (ARAÚJO, 2018).

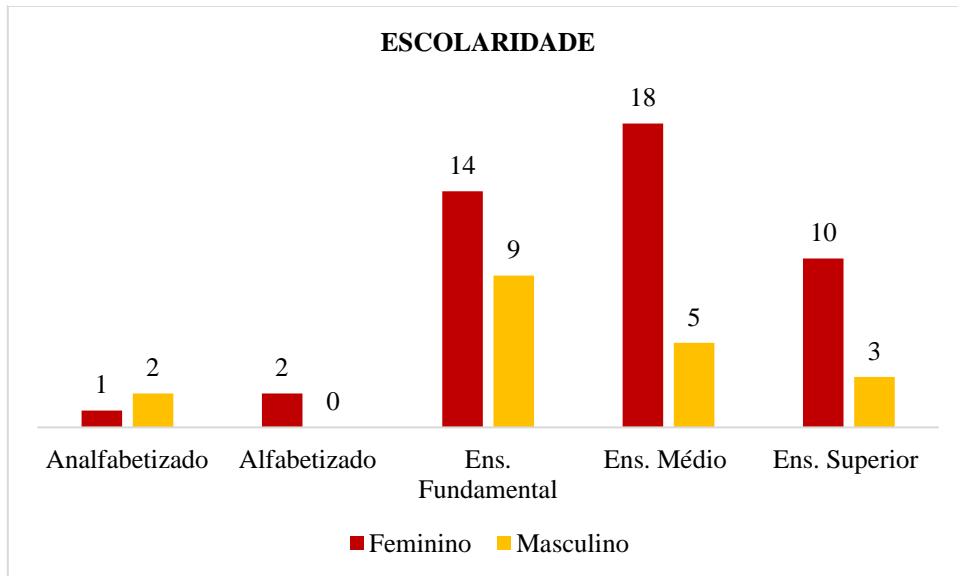
Figura 4 - Faixa etária dos entrevistados que utilizam as medicinas tradicionais.



Fonte: Elaboração própria

Na Figura 5, observa-se que o emprego das práticas tradicionais ocorre em todos os níveis de escolaridade, sendo predominante entre as mulheres que possuem ensino fundamental e ensino médio.

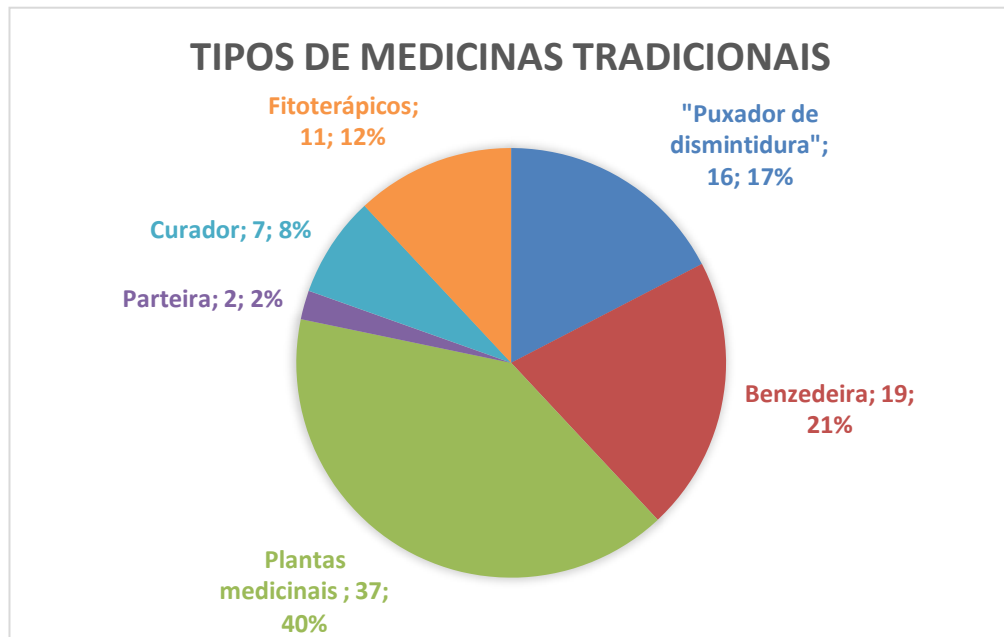
Figura 5. Grau de escolaridade dos entrevistados que utilizam as medicinas tradicionais.



Fonte: Elaboração própria

Dentre os vários tipos de medicinas tradicionais disponíveis, 37 pessoas (40%) afirmaram que fazem uso das plantas medicinais; 19 pessoas (21%) vão a benzedeadas; 16 pessoas (17%) vão a puxador de dismintidura; 11 pessoas (12%) utilizam fitoterápicos; 7 pessoas (8%) vão a curador e 2 pessoas (2%) tiveram filhos com ajuda de parteiras (Figura 6).

Figura 6. Tipos de medicinas tradicionais utilizadas pelos entrevistados.



Fonte: Elaboração própria

De acordo com Amaral (2006) 80% da população mundial depende das práticas tradicionais no que se refere à atenção primária à saúde, e 85% dessa parcela utiliza plantas ou preparações a base de vegetais. Considerando a riqueza da biodiversidade da região amazônica, ela contribui para utilização das plantas medicinais, especialmente no uso domiciliar. Isso justifica 40% dos entrevistados afirmarem fazer uso das plantas medicinais. Na Figura 7, pode-se observar algumas plantas encontradas nos quintais das casas dos entrevistados.

Figura 7 - Plantas encontradas nos quintais dos entrevistados.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Segundo Silva e Souza (2015), na contemporaneidade o conhecimento de cura a partir do uso de plantas medicinais, às vezes é visto com certa desconfiança por alguns segmentos da sociedade, entretanto, na maioria das vezes, esta tradição é legitimada socialmente, e ainda que venha passando por modificações, se confirma e não é esquecida.

A segunda maior porcentagem (21%) das pessoas que utilizam as medicinas tradicionais refere-se às benzedadeiras. Segundo Marta et al., (2019), as benzedadeiras percebem seu ofício como um dom divino e, por esse motivo estão sempre acessíveis para quem as buscam e, dependendo da necessidade do caso, podem atender em qualquer horário, sem nenhum tipo de pagamento. As pessoas procuram as benzedadeiras para solucionar problemas biológicos, sociais, espirituais e emocionais. Os benzimentos são diversificados quanto aos seus rituais orais e manuais, podendo, ainda, envolver água, plantas e outros objetos como imagens de santos e tecidos.

Segundo Siqueira et al. (2006), a religiosidade e os terapeutas populares representados por raizeiros, benzedeiros e rezadeiras adquirem um significado relevante dentro do processo saúde-doença, pois fornecem, muitas vezes, respostas àquilo que é incompreensível dentro do modelo biomédico de assistência à saúde. Ofertam ainda, conforto e força aos indivíduos que se encontram em situação de fragilidade frente à doença.

Na Figura 6, observa-se que os puxadores de dismíndura estão entre os três tipos de medicina tradicional mais recorrida no bairro do Mapiri. Os puxadores (puxadeiras) massageiam partes machucadas do corpo em caso de torções, distensões musculares, problemas nas articulações, contusões e luxações — as conhecidas dismínduras. São eles que colocam os ossos “no lugar”, além de atendem também mulheres grávidas, “ajeitando” a criança.

Dos 98 entrevistados, 12 afirmaram fazer uso de fitoterápicos. Segundo Barbosa et al. (2004) fitoterapia popular praticada nas comunidades interioranas pode ser entendida como “aculturação” da fitoterapia tradicional. A Portaria nº 971 de 3 de maio de 2006 define a fitoterapia como a terapêutica caracterizada pelo uso de plantas medicinais em suas diferentes formas farmacêuticas, sem a utilização de substâncias ativas isoladas, ainda que de origem vegetal. Fitoterápico é produto obtido de matéria-prima ativa vegetal, exceto substâncias isoladas, com finalidade profilática, curativa ou paliativa, incluindo medicamento fitoterápico e produto tradicional fitoterápico, de acordo a Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 26, de 13 maio de 2014. (BRASIL,2019).

Barbosa (1998), em seu estudo sobre Etnofarmácia Marajoara, verificou que mais de 80% dos entrevistados informaram usar exclusivamente ou ocasionalmente remédios caseiros, seja por motivos econômicos, culturais ou mesmo por fé.

Pinto (2014), em seu estudo sobre a fitoterapia popular na Amazônia paraense, constatou que 60% das famílias entrevistadas usavam remédios caseiros, 20% utilizavam apenas medicamentos industrializados e outros 20% os dois tipos de recurso terapêutico. Na presente pesquisa, observa-se um percentual baixo (12%) de pessoas que utilizam fitoterápicos. Isso pode ocorrer devido a uma provável confusão que fazem quanto a definição de fitoterápicos e plantas medicinais.

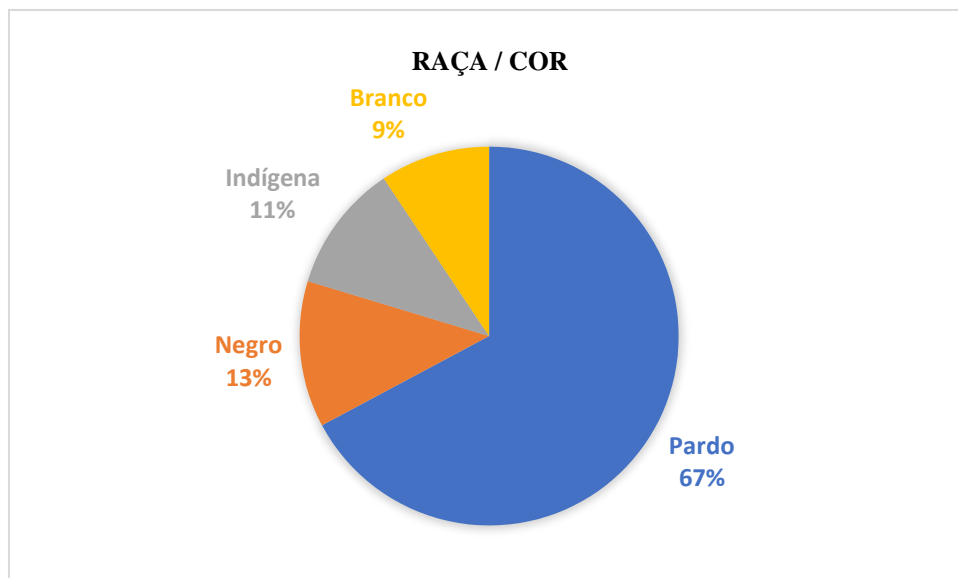
Ainda de acordo com os dados da Figura 6, observa-se que apenas 8% dos entrevistados vão à curador e 2% utilizam parteiras. Os moradores das comunidades no baixo Amazonas chamam de curador àqueles que os indígenas nomeiam de pajés. Esse

termo é usado para se referir à pessoa que é reconhecida como tendo poderes sobrenaturais para curar, por meio dos encantados e de remédios feitos com produtos da floresta. Dessa forma, a pajelança surge como uma das várias medicinas populares na Amazônia.

Com relação às parteiras, as 2 entrevistadas são mulheres com faixa etária entre 70 e 90 anos. Segundo relatos delas, os partos aconteceram em comunidades ribeirinhas há pelo menos 50 anos. A baixa procura desse tipo de medicina tradicional no bairro do Mapiri se dá pela adesão das mulheres à assistência médica oficial tanto no acompanhamento da gravidez quanto na hora do parto.

Na Figura 8 pode-se observar que, com base na autodeclaração, a maioria dos entrevistados, 43 (67%), são pardos os que mais fazem uso das medicinas tradicionais, seguido dos pretos 8 (13%), indígenas 7 (11%) e dos brancos 6 (9%). De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) 2021, na região norte, 17,7 dos brasileiros se declararam como brancos, 73,4 como pardos e 7,5% como pretos (PNAD, 2021). Isso justifica 67% dos entrevistados se autodeclararem pardos.

Figura 8 - Raça / cor dos entrevistados.



Fonte: Elaboração própria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou investigar sobre a continuidade do uso das medicinas tradicionais entre comunitários do bairro Mapiri, e verificar quais são os tipos de medicinas tradicionais mais utilizadas e qual o público que mais faz uso dessa prática. Observou-se que o uso dos saberes das medicinas tradicionais ainda é popular entre os comunitários do bairro do Mapiri. Com relação ao tipo de medicina tradicional mais utilizado, as plantas medicinais se destacaram, e um grande fator que contribuiu para isso é o local onde a pesquisa se deu, a região amazônica. Os outros recursos medicinais mencionados na pesquisa foram benzedadeiras, puxador de dismintidura, fitoterápicos, curador e parteiras, nessa ordem. Com relação ao público que mais faz uso das práticas da medicina tradicional, o número de mulheres se sobressaiu sobre o número de homens. Esse fato demonstra o papel que as mulheres ainda exercem dentro do seio familiar, sendo as responsáveis pelo cuidado, alimentação, e saúde de sua família.

Dessa forma, verifica-se a importância de considerar as práticas tradicionais em saúde que os comunitários do bairro Mapiri se valem. É necessário fortalecer esses conhecimentos com agentes de cura tradicional bem como estimular a associação das terapias biomédicas com as não biomédicas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. C. F.; RODRIGUES, A. G.; RIBEIRO, J. E. G.; SANTOS, M. G.; NETTO JUNIOR, N. L. **A Fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisa de Plantas Mediciniais da Central de Medicamentos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

AMAZONIA REAL. **Vestígios de Curandagem**. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/vestigios-de-curandagem/>. Acesso em: 10 out. 2022.

ARAÚJO, K. A. **Conhecimento local e o uso de plantas medicinais em Boa Vista/Roraima-novas estratégias em saúde coletiva**. Programa de Pós- Graduação em Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal - Universidade do Estado do Amazonas Manaus : [s.n], 2018. 169.

BARBOSA, W. L. R. *et al.* **Manual para análise fitoquímica e cromatográfica de extratos vegetais**. 2. ed. revisada. Belém: Ed. UFPA; 2004. p.19.

BRASIL. **Plantas Mediciniais e Fitoterápicos**. Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo, 2019. 4ª edição. Disponível em: <https://www.crfsp.org.br/images/cartilhas/PlantasMediciniais.pdf>. Acesso em 20 out.2022.

MACHADO, M. G. M.; MARCIANO, A. P. V.; SAHD, C. S.; PINTO, F. C. M.; GARRAMONE, F.; DARÉ, M. F.; CASTRO, T. N. S.; SUTTER, T. C. **Práticas integrativas e complementares em saúde** [recurso eletrônico]. Porto Alegre:SAGAH, 2021.

MAIA, M. **Histórias curiosas marcam origem de bairros de Santarém**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/historias-curiosas-marcam-origem-de-airros-de-santarem.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2022.

MARTA, I. E. R.; BERTON, A. F.; SANTOS, M. L. S.; MENEZES, M. S.; NAGATA, L. A.; TRONCONI, I. C. **Benzimentos e benzedeiros**: um estudo etnográfico sobre recursos terapêuticos tradicionais. CIAIQ2019, v. 2, p. 1080-1089, 2019. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2222>. Acesso em: 20 set 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/ape/pics>. Acesso em: 05 nov.2022.

MORAN, E. **A Ecologia Humana das Populações da Amazônia**. São Paulo: Vozes,1990.

OPAS – **ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/medicinas-tradicionais-complementares-e-integrativas>. Acesso em: 12 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Culture and Health: Orientation Texts: World Decade for Cultural Development 1988-1997**, Document CLT/DEC/PRO. Paris, 1996. 129 p.

PINTO, L. N.; FLOR, A. S. S. O.; BARBOSA, W. L. R. **Fitoterapia popular na Amazônia Paraense: uma abordagem no município de Igarapé-Miri, estado do Pará nos anos de 2000 e 2008**. Rev Ciênc Farm Básica Apl., v. 35(2), p. 305-311, 2014.

PREFEITURA DE SANTARÉM. **História de Santarém**. Disponível em: <https://turismo.santarem.pa.gov.br/historia-de-santarem>. Acesso em: 03 out. 2022.

RIBEIRO, M. R.; GALVÃO, E. F. C. **Conhecimentos tradicionais como medicina popular de cuidado com a saúde em uma comunidade ribeirinha do interior da Amazônia**. Research, Society and Development, v. 11, n. 15, 2022.

SILVA, R. C. M.; SOUZA, R. M. **Indicações das plantas medicinais no processo saúde/doença: o conhecimento tradicional em Juazeiro – Bahia**. In: WORKSHOP DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL INTERDISCIPLINAR, 3, 2015, Paulo Roberto Ramos (org.), Petrolina. Petrolina, 2015.

SIQUEIRA, K. M.; BARBOSA, M. A.; BRASIL, V. V.; OLIVEIRA, L. M. C.; ANDRAUS, L. M. S. **Crenças populares referentes à saúde: apropriação de saberes sócio-culturais**. Texto & Contexto-Enfermagem, v. 15, p. 68-73, mar.2006.

TESSER, C. D.; SOUSA, I. M. C.; NASCIMENTO, M. C. **Práticas integrativas e complementares na atenção primária à saúde brasileira**. Saúde em Debate. Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 174-188, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO TRADITIONAL MEDICINE STRATEGY: 2014-2023**. Geneva: WHO Press; 2013.